



PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUEOLOGIA VIVA:

Memória, Território e Resistência



ISBN: 978-85-5760-012-6

CBL



9 788557 600126



FUNDACÃO AROEIRA

rumo

PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUEOLOGIA VIVA: MEMÓRIA, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Geral

Dra. Rute de Lima Pontim

Francesco Palermo Neto

Coordenação de Campo de Arqueologia

Angélica Assis dos Santos

Nádla Belga Alves Oliveira

Coordenação Geral de Educação Patrimonial

Dra. Rosinalda Correa da Silva Simoni

Coordenação de Campo de Educação Patrimonial

Ms. Robson Max de Oliveira Souza

Coordenação de Laboratório

Dra. Rute de Lima Pontim

Nádla Belga Alves Oliveira

Arqueólogo de Laboratório

Nádla Belga Alves Oliveira

Victor Alexandre Gomes de Brito

Consultoria

Ma. Ana Paula Moreira Pinto Duarte

Técnico de Campo e Laboratório

Silvio Fernandes de Oliveira

Texto

Dra. Rosinalda Correa da Silva Simoni

Ms. Robson Max de Oliveira Souza

Diagramação

Vitória Pimenta Estrela

Rosinalda Correa da Silva Simoni; Robson Max de Oliveira Souza; Rute de Lima Pontim; Ana Paula Moreira Pinto Duarte; Nadla Belga Alves Oliveira; Wesley Moura Oliveira Fernandes,

Patrimônio cultural e arqueologia viva: memória, território e resistência/ Organização de Rosinalda Correa da Silva Simoni, Robson Max de Oliveira Souza, Rute de Lima Pontim, Ana Paula Moreira Pinto Duarte, Nadla Belga Alves Oliveira, Wesley Moura Oliveira Fernandes - Goiânia: Fundação Aroeira, 2025.

Inclui bibliografias.

ISBN

24 p: il.

1. Arqueologia 2. Patrimônio Cultural 3. Grupos Tradicionais

I. Rosinalda Correa da Silva Simoni, Robson Max de Oliveira Souza, Rute de Lima Pontim, Ana Paula Moreira Pinto Duarte, Nadla Belga Alves Oliveira, Wesley Moura Oliveira Fernandes, org. II. Título.

CDU: 902.2

APRESENTAÇÃO

Este livreto nasce da necessidade de reconhecer e fortalecer a relação entre o patrimônio cultural e a arqueologia viva, ou seja, aquela que dialoga também com os povos do presente, com suas memórias, territórios e saberes ancestrais. Nossa proposta é ampliar a compreensão sobre o patrimônio, indo além da ideia de monumentos e ruínas, para vê-lo como vida, resistência, identidade e pertencimento. Este material foi produzido no âmbito do Projeto Integrado de Educação Patrimonial da Ferrovia de Integração Estadual Senador Vicente Emilio Vuolo, Estado do Mato Grosso: Patrimônio Arqueológico e Saberes Ancestrais, sob responsabilidade da Fundação Aroeira com sede em Goiânia. Aqui você vai encontrar conceitos básicos e sugestões de atividades todos com um único propósito promover a visibilidade ao patrimônio cultural e arqueológico. Venha conosco nessa viagem cultural.

Boa leitura!



Indígenas Bororo.

Fonte: Acervo do Museu Rosa Bororo.



Visita técnica a Gruta do Morcego Rodovia do Peixe.

Fonte: Acervo FA, 2025

INÍCIO DE CONVERSA

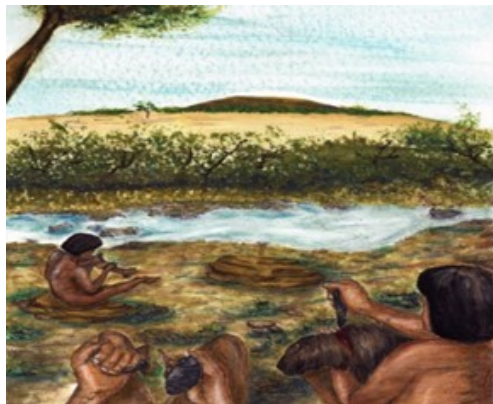
Crescemos cercados por histórias contadas, danças vividas, modos de fazer, pensar e falar. Escutamos músicas antigas e novas, aprendemos receitas de tantos pratos, formas de brincar, brinquedos de todos os jeitos. Lemos livros de estórias e de história. Aos poucos, vamos entendendo que existem pessoas e coisas boas, assim como pessoas e coisas más. Costumamos acreditar que o que está do nosso lado é sempre o melhor. Mas com o tempo percebemos que a vida não é dividida em partes tão claras. O que é considerado bom, bonito ou certo depende do contexto, do olhar e da vivência de cada um. Isso também podemos chamar de Cultura.



Mulher Boe Trançando foto acervo Museu Rosa Bororo.
Fonte: Cedida por Simoni, 2025.

Ancião Boe e criança Boe Bororo.
Fonte: Chefe Bororo InFrancis de la-Porte Comte de Castelnau executée par.





Réplica sítios líticos .
Fonte: criada com IA.

Quem nos guia nessa construção de ideias a respeito do mundo e de coisas é o nosso grupo, formado pela nossa cultura. Cada grupo humano desenvolve seus próprios conceitos e valores. Cada grupo então constitui o seu patrimônio cultural: o conjunto de bens

materiais e imateriais, os modos de saber e fazer, suas memórias e histórias, que são considerados valiosos para a sobrevivência e a manutenção das características e tradições deste grupo.

O que é Cultura?



Cultura pode ser entendida como o conjunto das ações por meio das quais os povos e grupos expressam suas “formas de criar, fazer e viver. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988, art. 216).

A cultura é o que nos caracteriza e qualifica como seres humanos e por meio dela realizamos a transformação da natureza “dada”, atribuindo-lhe significados. Esta ação é fruto de um processo social de criação que oferece ao ser humano a consciência o saber de que sabe. Por meio de sua relação com o mundo e com a natureza, ele cria então o mundo da cultura. Com esse processo ele tem a consciência necessária para criar, ou transformar o mundo, deslocando-o do reino da natureza para o da cultura, passando então a ser sujeito, pelo mundo da cultura.

O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL?

O termo patrimônio tem múltiplos significados. Sua definição vai depender do contexto no qual ele foi aplicado, mas ele nos remete, na maioria das vezes, ao sentido de relação e pertencimento entre as pessoas, seja esse patrimônio de caráter material ou imaterial. O sentido que nos interessa neste curso é o que está ligado à herança cultural, de algo que teve, ou tem um significado para alguém, e por isso se preserva, no intuito de que o mesmo permaneça vivo. Ele constitui-se numa das mais importantes expressões culturais de um indivíduo ou grupo social. Ele é um conjunto de bens e de códigos que podem ser lidos separadamente, ou em conjunto, por meio de alguns conceitos-chave que lhes dão sustentação, como memória, identidade, tradição, patrimônio e cultura já explicado acima. Tanto a cultura como o patrimônio cultural são relacionais, pois são ressignificados cotidianamente pelos indivíduos e grupos que o vivenciam no dinamismo das transformações sociais que compõem os cenários e processos de seleção, disputas e associação a eles vinculados. Nessa ressignificação dos patrimônios culturais, e consequentemente da cultura, são criadas memórias e narrativas que lhes dão vida, tornando-os signos e símbolos emblemáticos e textuais da vida e da história dos indivíduos e dos grupos que se sentem pertencentes a esse patrimônio cultural.

Patrimônio Cultural, a partir do decreto de lei n 25 de 30 de novembro 1937:



Constitui-se o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação a fatos da história do Brasil, por seu valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.



Material ou edificado é tudo que é palpável podendo ser locomovido ou não. Exemplo: praças, edifícios históricos, documentos, ruas, sítios arqueológicos.

No Brasil, o patrimônio cultural é protegido por leis como:

- Constituição Federal de 1988 (Art. 216);
- Decreto-Lei nº 25/1937 (tombamento);
- Decreto nº 3.551/2000 (registro do patrimônio imaterial).

TIPOS DE PATRIMÔNIO

Material

O patrimônio Material ou Edificado é formado pelas construções que servem para abrigar as diversas formas e funções necessárias à sobrevivência humana. São os artefatos que ao se multiplicaram através das pesquisas formam povoações, viram cidades, se transformam em metrópoles.



Vista externa da Casa dos Homens, casa de rezar Aldeia Korogedo.
Fonte: Acervo Cacique Benedito, 2025.

Imaterial

- Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- Formas de Expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

SABERES ANCESTRAIS E PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de **saberes ancestrais**, no perspectivismo indígena, parte de uma visão de mundo em que conhecimento, vida, território, corpo e espiritualidade não se separam. Nesse horizonte, cada ser enxerga o mundo a partir de sua própria perspectiva, o que implica reconhecer que árvores, animais, rios e encantados também possuem agência, saber e linguagem. Assim, o saber ancestral não é apenas herança do passado, mas sobretudo um **modo de viver e de se relacionar com o mundo**, no qual o humano não ocupa o centro, mas compartilha existência com múltiplos seres.

Esses saberes não podem ser reduzidos ou traduzidos apenas pela epistemologia ocidental, pois estão enraizados em cosmologias próprias, temporalidades em espiral, oralidade, rituais e espiritualidade. Nessa dimensão, eles denunciam a colonização do saber e afirmam a urgência de **respeitar e proteger as epistemologias tradicionais**, como as ameríndias, enquanto formas legítimas e completas de

conhecimento (Casê Angatu, 2024).

Para Casê Angatu, os saberes ancestrais são:

- Saberes **vivos, corporais e territoriais**, que integram natureza e cultura em uma mesma cosmopolítica;
- Saberes baseados na **escuta dos mais velhos, dos encantados e da própria terra**;
- Saberes que exigem **respeito à autonomia epistemológica** dos povos indígenas.

Para os **povos indígenas Boe Bororo**, o conceito de **patrimônio cultural** vai muito além da ideia ocidental restrita a bens materiais ou imateriais definidos por legislação (como tombamento, registro ou musealização). Ele se fundamenta em uma **cosmologia viva**, em que território, corpo, memória, espiritualidade e vida comunitária/coletiva estão profundamente interligados; Podemos dizer que para esse grupo as dimensões do patrimônio cultural podem ser pensados como:

- **Território como memória e vida:** O espaço físico (rios, matas, lagoas, caminhos) não é apenas um recurso natural, mas parte constitutiva da identidade e da existência coletiva. Cada lugar guarda histórias, mitos de origem, narrativas de antepassados e encantados.
- **Rituais e cerimônias:** As celebrações, como os rituais funerários (*Baitogogo*), os cantos e as danças, são formas de manter viva a relação com os ancestrais e de garantir o equilíbrio entre humanos, espíritos e natureza. Esses rituais são, ao mesmo tempo, **patrimônio imaterial e político**, pois reafirmam a coesão do grupo.
- **Saberes Ancestrais:** O conhecimento transmitido pelos mais velhos sobre caça, pesca, agricultura, medicina tradicional, manejo da natureza, cosmologia e espiritualidade constitui um patrimônio que se renova continuamente pela oralidade e pela prática cotidiana.

➤ **Língua Boe Wadáru:** A língua é elemento essencial do patrimônio, pois carrega cosmologias, formas de pensamento e modos próprios de narrar o mundo. Sua preservação é entendida como preservação da própria existência do povo.

➤ **Novas gerações como guardiãs:** Crianças e adolescentes são iniciados desde cedo na escuta das narrativas, nos cantos, na aprendizagem dos rituais e na convivência comunitária. Eles são compreendidos como **herdeiros e guardiões do patrimônio cultural**, assegurando que os saberes e práticas Boe Bororo não sejam interrompidos.

A ARQUEOLOGIA E O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

A Arqueologia pode ser definida como a ciência que estuda o passado humano a partir dos vestígios e restos materiais deixados pelos povos que habitaram a Terra. É através da Arqueologia que podemos estudar não só os períodos muito antigos, mas também aqueles mais recentes. Assim, aqui no Brasil, costumamos dividir a arqueologia em dois períodos: pré-histórico e histórico.

- Pré-histórico. Sítios com datação de antes do descobrimento do Brasil;
- Histórico. Sítios com datação depois do descobrimento.

No Brasil, o patrimônio arqueológico é reconhecido desde o nascimento das políticas de preservação e o estabelecimento da legislação de proteção ao Patrimônio Cultural e a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A pesquisa arqueológica é um instrumento capaz de acessá-lo e lhe dar sentido, e tem sido o foco dos maiores esforços e investimentos feitos para esse tipo de patrimônio. No entanto, para alcançar o seu sentido social, faz-se necessário, ainda, a sua ampla difusão, de forma a tornar possível a apropriação do patrimônio arqueológico e de seus significados pela sociedade brasileira.

Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico



Instrumento lítico,
raspador plano convexo.
Fonte: Acervo FA, 2025.



Sítio arqueológico Gruta do
Morcego,
Rodovia do Peixe,
Rondonópolis.
Fonte: Acervo FA, 2025.



Sítio arqueológico rupestre Gruta
do Morcego, vista das pinturas,
Rodovia do Peixe, Rondonópolis.
Fonte: Acervo FA, 2025.

Patrimônio Arqueológico Histórico

- Estruturas de moradias, antigos caminhos;
- Restos de utensílios domésticos; e
- Elementos de significância e relevância histórica.



Peças de vidro, louça e madeira
expostas no Museu Rosa Bororo.
Fonte: Acervo FA, 2025.

Fachada em arte decô do museu
Rosa Bororo, Rondonópolis.
Fonte: Acervo FA, 2025.

O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: ONDE ENCONTRAR?

Para o arqueólogo francês **Éric Boëda**, a noção de **sítio arqueológico** está diretamente ligada à sua proposta **tecnofuncional**, aplicada principalmente nos estudos de arqueologia pré-histórica e na análise das **cadeias operatórias** (*chaîne opératoire*). Embora Boëda não apresente uma definição única e formal de “sítio arqueológico”, ele entende esse espaço como parte de um **sistema técnico e cultural**. Um sítio arqueológico não é apenas um local onde se encontram objetos antigos, mas sim um lugar que guarda **marcas das atividades humanas**, ligadas a contextos específicos de **produção, uso, transformação e descarte de artefatos**.

Em resumo sítios arqueológicos são locais nos quais são encontrados artefatos em conjunto, construções, estruturas e restos orgânicos. De forma simplificada, pode-se definir os sítios como lugares onde se identificam evidências da atividade humana (RENFREW; BAHN, 1993).



Escavação arqueológica.

Fonte: Criada com IA, cedida por Simoni, 2025.

TIPOS DE SÍTIOS

Sítios Pré-coloniais ou Pré-históricos

São os sítios arqueológicos mais antigos, registram uma ocupação iniciada há cerca de 11.000 anos AP. São os sítios líticos, cerâmicos e de arte rupestre.

SÍTIOS LÍTICOS: São os mais antigos e datam de até 11 mil anos atrás, marcados pelos sinais de sua ocupação por pequenos grupos de caçadores-coletores, principalmente instrumentos de pedra lascada e resíduos de sua fabricação, e podem apresentar, entre outros vestígios, fogueiras e restos de alimentos que se conservaram.



Pontas de Flechas.
Fonte: Acervo Souza, 2022.

As pontas de flechas líticas representam uma das expressões mais sofisticadas da tecnologia pré-histórica, articulando conhecimentos de geologia, aerodinâmica e funcionalidade bélica. Elas compõem parte da cadeia operatória analisada por Boëda (1994), ao evidenciar a intenção técnica e a racionalidade cultural subjacente ao processo de fabricação de instrumentos de caça. A **função**; arma de projeção (flecha ou lança), usada para caça, guerra, defesa ou até mesmo com significados simbólicos e rituais. Aparecem em diferentes períodos da Pré-história e em variados contextos culturais, desde o **Paleolítico Superior** até sociedades indígenas **contemporâneas**.



Núcleo e lascas exemplo de cadeia operatório e oficina de lascamento.

Fonte: Acervo IPHAN Goiás, 2021.



Raspadores/ lesma.

Fonte: Acervo IPHAN Goiás, 2022.

SÍTIOS CERÂMICOS:

apresentam restos materiais de grupos que praticavam algum tipo de agricultura, e cujos vestígios mais abundantes são fragmentos ou mesmo vasilhas inteiras feitas de argila queimada, usadas no preparo e armazenamento de alimentos ou, ainda, como urnas funerárias para sepultamento dos mortos.



Urnas Funerárias.

Fonte: Acervo Souza, 2022.



Vasilhames cerâmicos reconstruídos.

Fonte: Acervo Souza, 2022.

SÍTIOS DE ARTE RUPESTRE: **Sítios rupestres** são locais arqueológicos onde se encontram **manifestações gráficas feitas em rochas**, como pinturas (rupestres) ou gravuras (petroglifos), produzidas por populações do passado. Esses registros estão diretamente associados às práticas simbólicas, rituais, cosmológicas e cotidianas de diferentes grupos humanos, desde a Pré-história até períodos históricos e mesmo atuais em algumas comunidades tradicionais. Podem ser encontrados em grutas ou abrigos sob rochas, matacões, lajedos e paredões de pedra.

Técnicas utilizadas:

➤ **Pintura rupestre:** uso de pigmentos naturais (como óxidos minerais, carvão vegetal, argilas e sangue animal), aplicados com os dedos, pincéis rudimentares ou por sopro.

➤ **Gravura rupestre (petroglifo):** incisão, raspagem ou picoteamento direto sobre a rocha.

Alguns **temas representados:** figuras humanas, animais, símbolos geométricos, cenas de caça, dança, rituais, mitos ou signos abstratos.



Pinturas Rupestres Sítio Gruta dos Morcegos, Rodovia do Peixe, Rondonópolis.
Fonte: Cedida por Simoni, 2025.





Os sítios rupestres constituem paisagens culturais nas quais o grafismo ancestral foi inscrito como forma de comunicação, ritualização e identidade coletiva (PESSIS; SILVA, 1999).



Sítios Rupustre, Gravuras, Formosa - GO.
Fonte: Acervo Souza, 2022.

SÍTIOS SAMBAQUIS

SAMBAQUIS:

O QUE SÃO E QUAL SUA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

O QUE SÃO OS SAMBAQUIS?



São montes formados por conchas, restos humanos e objetos e sedimentos, acumulados por povos pré-históricos

POR QUE SÃO IMPORTANTES?



Revelam aspectos da vida, cultura e organização social de grupos pré-históricos. Conservam fosséis de milhares de anos

REGISTRO MILENAR DE OCUPAÇÃO HUMANA

Prova a presença de grupos humanos no atual território brasileiro há mais de 8 mil anos

CONSERVAÇÃO DE FÓSSEIS HUMANOS



Preserva achados arqueológicos que ajudam a compreender a história e a evolução biológica dos primeiros habitantes

Imagem Sambaqui.
Fonte: Gerado com IA.

Sítios Coloniais ou Históricos

Relacionam-se à colonização europeia, consolidada na região a partir do século XVIII, e seus vestígios são, principalmente, restos de edificações e de outras obras, além de materiais de louça, vidro e metal de origem europeia, que eram usados de forma concomitante à cerâmica e a outros materiais de produção local.



Vista Panorâmica Cidade de Pedra Rondonópolis.
Fonte: Acervo Museu Rosa Bororo, 2025.

AFINAL A QUEM INTERESSA A PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS?



A quem interessa preservar o passado, senão àqueles que continuam sendo afetados por ele no presente (BEZERRA, 2010)

Segundo Bezerra (2010), a preservação dos sítios arqueológicos interessa sobretudo:

1. Às comunidades que têm vínculos com os territórios onde se encontram esses sítios. A arqueóloga argumenta que muitos sítios arqueológicos estão em territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos ou camponeses, sendo parte viva de seus sistemas culturais, espirituais e políticos.

2. À sociedade como um todo desde que haja acesso, diálogo e o despertar para um pertencimento. Bezerra defende a implementação de uma arqueologia engajada, que promova a participação social na preservação dos sítios. Isso significa incluir a população nas decisões sobre o que preservar, como preservar e para quem preservar. Nessa perspectiva a educação patrimonial é vista como ferramenta nesse processo de construção de cidadania, e de implementação de uma arqueologia VIVA.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM ARQUEOLOGIA VIVA? NÃO?

VEJA AÍ....

A Arqueologia Viva é uma abordagem crítica e decolonial que entende a arqueologia como um campo em diálogo com comunidades, memórias e saberes locais. Ela rompe com a ideia de que arqueologia trata apenas do passado "morto" e propõe que os vestígios materiais fazem parte de territórios vivos, onde ainda se cultuam memórias, práticas e sentidos. Arqueologia viva é escuta, é partilha, é educação tradicional.

É feita com e para as pessoas, e não apenas para museus ou universidades. Elas emergem como **formas de resistência epistêmica** diante da arqueologia tradicional, que por muito tempo serviu à colonialidade do saber e à expropriação dos territórios e das memórias de povos negros e indígenas; essas novas arqueologias:

- Rompem com o paradigma eurocêntrico, branco e patriarcal;
- Reconhecem a centralidade da **ancestralidade ameríndia e afro-brasileira** na construção dos territórios históricos;
- Reivindicam **outras narrativas e objetos que recontam o passado.**

Na perspectiva da **"arqueologia viva"**, os sítios arqueológicos não são apenas objetos de estudo, mas; **Lugares de memória viva**, onde o tempo é espiralar; **Espaços de cura, espiritualidade e afirmação identitária; Territórios pedagógicos**, onde se aprende com o chão, com as folhas, com os ossos e com os cânticos e danças. Nesse contexto os sítios arqueológicos são vivenciados como patrimônio

e território ancestral. Para os povos indígenas, quilombolas e tradicionais, patrimônio não é algo externo. Está no roçado, no corpo, no terreiro, no canto, na floresta, no quintal, nas pedras, nos rios e ossos dos antigos. É vivido no cotidiano, nas lutas por e pela terra, na preservação das nascentes, na oralidade e na espiritualidade. A arqueologia viva¹ reconhece que os territórios têm camadas de tempo e camadas de sentido e que as comunidades são as verdadeiras guardiãs



Dança ritualística fúnebre aldeia Boe Bororo Korogedo.
Fonte: Acervo Cacique Benedito, 2025.

Confecção de Cocares Aldeia Korogedo.
Fonte: Acervo Cacique Benedito, 2025.



¹ Referências que dialogam com essa abordagem; GONÇALVES, José Reginaldo. *Os significados do patrimônio cultural*. SALLUN, Mariane Célia. *Alianças afetivas e arqueologias da presença*. SCHNELLER, Béatrice; FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia pública no Brasil*. SIMONI, Rosinalda C. da S. *Os quilombos na diáspora e o papel da arqueologia: lutas históricas e desafios* (Revista de Arqueologia, 2024).

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: O QUE É E POR QUE FAZER?

A educação patrimonial é um processo de formação crítica para o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural por quem o vive. Vai além da “visita a museus e sítios arqueológicos” é feita no chão da comunidade, nas escolas, nas rodas de conversa, nos mutirões e nas práticas de cuidado com a memória assim “Educar é garantir ao indivíduo condições para que ele continue a educar-se. Em outras palavras, educar é promover a autonomia dos indivíduos” (MENEZES, 2007).

Educação Patrimonial nas atividades. Agora o Arqueólogo é você!

JOGO DOS 7 ERROS

Encontre os 7 erros na escavação abaixo, e mostre que você está atento às informações!



CAÇA-PALAVRAS ARQUEOLÓGICO

Encontre as palavras escondidas no quadro:

SÍTIO

ESCAVAÇÃO

CERÂMICA

FÓSSIL

PATRIMÔNIO


OSSOS

FERRAMENTAS

HISTÓRIA

PASSADO

ARQUEÓLOGO

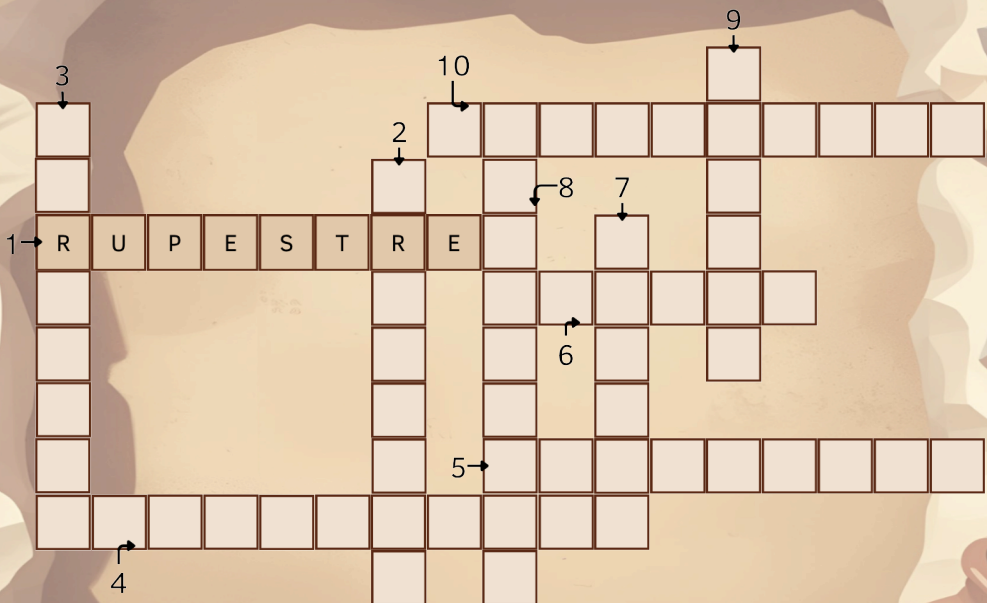


| | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | R | E | A | S | Í | T | I | O | Z | P | A | R | A | H |
| R | E | P | R | T | E | T | E | R | R | A | R | O | Ó | P |
| Ó | S | P | Í | S | O | Y | U | H | D | S | H | T | F | É |
| S | C | Á | S | S | U | H | M | G | T | S | R | T | E | G |
| H | A | X | F | Ó | S | S | I | L | Y | A | D | A | R | O |
| E | V | A | E | U | T | R | W | O | T | D | Y | A | R | E |
| Z | A | W | R | Ô | N | D | O | S | Â | O | M | R | A | T |
| O | Ç | O | R | O | D | E | U | S | A | Y | Ô | S | M | E |
| I | Ã | T | O | B | O | L | A | O | H | A | H | É | E | S |
| S | O | A | B | H | I | S | T | Ó | R | I | A | M | N | Y |
| A | U | R | S | I | N | Z | U | T | Y | R | M | A | T | S |
| N | T | A | R | Q | U | E | Ó | L | O | G | O | F | A | A |
| T | R | T | A | H | S | X | L | Á | S | U | M | O | S | U |
| E | A | E | R | A | P | A | T | R | I | M | Ô | N | I | O |
| R | S | C | E | R | Â | M | I | C | A | I | X | E | A | N |

PALAVRAS-CRUZADAS DA ARQUEOLOGIA

Pistas:

1. Pintura produzida pelos povos originários.
2. Arte produzida pelos povos originários através do relevo em rochas.
3. Objeto de barro usado pelos povos antigos.
4. Memória deixada pelas gerações passadas.
5. Área de trabalho dos arqueólogos, do qual retiram as peças.
6. Lugar onde os vestígios são encontrados.
7. Objetos produzidos a partir de rochas pelos povos antigos.
8. Denominação dada aos povos originários.
9. Restos de animais muito antigos.
10. Profissional que estuda o passado por meio de vestígios



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Márcia. Arqueologia e compromisso social. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Arqueologia e compromisso social*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 97-112.
- BOËDA, Éric. *Approche de la variabilité des systèmes de production lithique des industries du Paléolithique inférieur et moyen: chronique d'une variabilité attendue*. Paris: Université Paris X-Nanterre, 1994. (Tese de Doutorado).
- BONDUKI, Nabil (org.). *Patrimônio Cultural Brasileiro: trajetória e desafios*
- CHAUCHAT, C. *Tecnologia Lítica: métodos de análise*. Lima: Instituto Francês de Estudios Andinos, 1998.
- FIGUTI, L. *O sítio sambaqui do Morro do Ouro (Cananéia, SP): uma abordagem arqueofaunística*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 6, 1996.
- GASPAR, M. D. *Arqueologia da Pesca: O Caso dos Sambaquis da Ilha de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- GUIDON, Niède. *Arte rupestre no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- LIMA, Tania Andrade. *Sambaquis e Povos Sambaquianos: Cultura e Identidade*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- MARTINS, Marcus Vinícius. *Arqueologia e arte rupestre: história, teoria e método*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011
- PESSIS, A. M.; SILVA, F. C. da. *Arqueologia: fundamentos teóricos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- SALLUM, M. C. *Educação Patrimonial, Currículo e Território*. Capítulo em coletânea, 2020.
- SIMONI, Rosinalda C. da S. *Os quilombos na diáspora e o papel da arqueologia: lutas históricas e desafios* Revista de Arqueologia, 2024.



FUNDAÇÃO AROEIRA

rumo

